

Formação permanente do professorado: novas tendências

IMBÉRNON, Francisco. *Formação permanente do professorado: novas tendências*. São Paulo: Cortez, 2009.

Bárbara Lima Giardini

Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).
E-mail: barbaragiardini@yahoo.com.br.

Trata-se de um livro abrangente, com pertinentes análises sobre questões relativas à formação de professores e, especificamente, à formação permanente. A partir do contexto político e social e das mudanças ocorridas nas últimas décadas, o livro apresenta ao leitor uma interessante discussão sobre a formação permanente, tendo como base o argumento de que o contexto chega a condicionar a natureza da formação.

A nova economia, a mundialização e os avanços tecnológicos imprimiram mudanças nos contextos sociais, políticos e educativos e, a formação permanente, não pode desconsiderá-los como elemento condicionador das práticas formativas. Formação e contexto de trabalho são eixos indivisíveis, além da importância de reconhecer nos processos formativos, as especificidades e particularida-

des de cada país e território.

Professor catedrático da Faculdade de Didática e Organização Educacional da Universidade de Barcelona, Francisco Imbéron fala como um educador que se preocupa com a teoria e a prática educativa. Uma obra do autor que nos auxilia a melhor compreender a escola, a profissão docente e a formação de professores (inicial e continuada) é “Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza”, publicado pela editora Cortez, em 2006.

A publicação que agora apresentamos é uma grande contribuição para estudantes, professores e formadores de professores que se interessam pelas novas tendências da formação docente, uma vez que eles encontrarão, no texto, uma competente e séria discussão sobre a profissão docente e, sobretudo, sobre a formação permanente.

Na apresentação da obra, Imbéron destaca a necessidade de mudança na formação permanente do professorado no século XXI, uma vez que vivemos em tempos diferentes para a educação e para a formação.

Os professores são chamados a responder uma série de demandas advindas do contexto social para as quais não possuem formação, aumentando assim o leque de competências necessárias à atualização docente e a consequente intensificação do seu trabalho.

Com poder de argumentação baseado principalmente em estudos sobre a formação permanente, o autor esclarece que esse processo formativo avançou em aspectos importantes na última etapa do século XX. Um exemplo desse avanço foram as críticas feitas à racionalidade técnica e à instituição de práticas vinculadas à racionalidade prática. Porém, no século XXI, Imbérnon vê poucas mudanças na formação permanente: “Avançamos pouco no terreno das ideias e nas práticas políticas para ver o que significa uma formação baseada na liberdade, na cidadania e na democracia” (p.14).

Entretanto, o autor acredita que as próprias mudanças sociais orientam o caminho a ser seguido. Uma série de aspectos do contexto atual – inserido no bojo das mudanças sociais – influencia na educação e na formação de professores. A partir disso, discute a influência desses elementos na formação docente,

que acabam por demandar trabalho em equipe, práticas formativas que considerem o professor como pessoa e como profissional, a autonomia profissional docente, o exercício de práticas inovadoras, a escola como *locus* principal de formação etc.

Imbérnon alerta para o fato de que mudanças na maneira de conceber o conhecimento requerem diferenciadas competências profissionais dos professores para lidarem em uma escolarização que passou por transformações e que exige novos valores e atitudes dos cidadãos. Isso tudo requer alterações na prática e na formação docente.

De forma concisa e clara, o autor apresenta um conjunto de características relativas à formação permanente necessárias para uma melhoria do processo formativo, destacando o clima de colaboração, a organização dos centros de formação, o apoio à formação e a necessidade de sensibilizar os professores para mudanças e inovações em suas práticas. Imbérnon também expõe o apoio externo das administrações que propõem a formação; a participação do professorado em todos os momentos do seu processo de formação, desde o planejamento à avaliação e a incorporação de suas opiniões nesse

processo; o apoio aos professores em suas aulas pela observação de outro professor ou de um assessor externo com o objetivo de fornecer-lhe *feedback* de sua atuação na sala de aula, oportunizando-lhe reflexão sobre sua prática e melhorias na mesma; a organização da formação permanente exercida de forma colegiada; e o apoio aos professores para mudanças em suas práticas.

Ao abordar as novas tendências na formação do professorado, o autor aponta como a formação permanente tem sido entendida como fundamental para o sucesso das reformas educativas. A partir disso, destaca a realidade de muitos países que vivenciam uma série de iniciativas de formação, que pouco promove mudanças. Uma das inferências que faz a esse respeito é o caráter transmissor e descontextualizado que a formação permanente pode estar assumindo.

A fim de refletir sobre o cenário da formação permanente, o faz de forma bem consistente e fundamentada, traçando, ao longo de toda a obra, uma perspectiva comparativa entre o modelo da racionalidade técnica e o modelo da racionalidade prática. Sua maior contribuição consiste em apontar alternativas de mudanças e a crença de que uma nova formação de

professores é possível.

Para o autor, a educação e a formação precisam assumir uma perspectiva crítica, guiadas por alternativas de mudanças. Aponta que a literatura e os discursos já se apropriaram de uma perspectiva formativa, mais crítica que prima, pela reflexão sobre a prática; a colaboração entre os pares; maior autonomia docente; e a formação centrada na escola. Entretanto, as políticas e as práticas de formação ainda encontram-se distante dessas propostas.

Cabe dizer que as dimensões do desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional do professor estão postas nas análises de Imbérnon. O autor chama a atenção para o fato de que a formação permanente não pode causar uma desmotivação docente e sim reestruturação moral, intelectual e profissional, que agrega o controle sobre o seu trabalho e a sua formação. O docente precisa tornar-se ativo e, conseqüentemente, aumentar seu autoconceito, além de status profissional e social. Há que se considerar a autonomia docente no seu processo de desenvolvimento. Qualquer mudança de qualidade na formação passa pelo desenvolvimento da carreira profissional, da valorização docente. Por trás de tudo isso,

já não supõe mais um professor e um modelo de formação baseado na racionalidade técnica, mas sim de uma racionalidade prática e crítica.

Diante do panorama da formação permanente do professorado traçado ao longo da primeira metade da obra e, considerando a experiência do autor no desenvolvimento de atividades formativas em todos os níveis de ensino, Imbérnon nos brinda, na segunda metade da obra, com vários princípios a serem considerados nos processos de formação permanente de professores.

Nesse sentido, nos diz que a emergência e realização dos processos de formação, sustentam-se historicamente, na tentativa de solucionar problemas padrões vivenciados por todos os professores, cuja solução vai ao encontro dos conhecimentos dos especialistas. O modelo de formação desenvolvido sob esses princípios denominou-se modelo de treinamento. Sua base científica é o positivismo, marcado por uma racionalidade técnica que concebia os casos e situações problemáticas de forma homogênea, desconsiderando assim, as particularidades das pessoas e dos contextos.

De uma forma positiva, o autor destaca que, há algum tempo, a realidade dos professores deixou de

ser entendida como repleta de problemas genéricos e passou a ser concebida como complexas situações que só podem ser compreendidas a partir de seu contexto social e educativo. Aponta que, ao buscar compreender situações problemáticas, é preciso dar voz aos professores e considerá-los como sujeitos ativos. O autor afirma que as respostas aos problemas práticos dos professores têm, na escola, o seu principal espaço de formação – a ser desenvolvido mediante projetos; pesquisa-ação. O processo de ação-reflexão envolve a escola como elemento central de mudança, desenvolvimento e melhoria.

Imbérnon ainda nos fala que por muito tempo tem imperado na escola um trabalho docente isolado, celularizado. Entretanto, atualmente, objetivando melhorias no processo de trabalho docente, na organização das escolas e na aprendizagem dos alunos, o próprio ensino requer o desenvolvimento do fazer coletivo. Para isso, é importante destacar que a escola precisa desenvolver uma cultura coletiva, baseada em um modelo de racionalidade prática que visa uma mudança educativa, a fim de contribuir, principalmente, para o desenvolvimento profissional dos professores.

O autor acredita que um dos instrumentos que pode auxiliar no rompimento do individualismo docente é a formação permanente do professorado. A formação permanente se sustentaria pela reflexão e participação, posicionamento crítico frente aos estudos de casos. A metodologia formativa deveria ter como fundamentos: a dialogicidade, a participação, desenvolver-se a partir das necessidades formativas dos docentes; promover o aprendizado por meio da reflexão e da resolução de situações problemáticas da prática; ambiente de colaboração e interação social; elaboração de projetos de trabalho em equipe; superar as resistências ao trabalho colaborativo; e conhecer a diversidade para diagnosticar prováveis conflitos entre colegas.

Ciente das dificuldades que emergem no desenvolvimento da formação colaborativa, como a estrutura pela qual a escola se organiza – que naturalmente não favorece esse tipo de trabalho –, Imbérnon acaba por relativizar tal limitação e destaca que se pode, aos poucos, introduzir na cultura dos professores elementos que favoreçam a cultura colaborativa.

Uma das questões recorrentes no livro é a importância atribuída ao professor como sujeito. Dessa forma,

afirma que a formação permanente deve potencializar a identidade docente. Para tal, resgata a trajetória histórica do professor e de sua formação pelo não reconhecimento da identidade profissional docente. O autor alerta para as implicações causadas por esse não reconhecimento, expresso, principalmente, pelo fato de que o professor foi condenado a ser objeto de formação.

Por outro lado, reconhece que durante as últimas décadas, pouco a pouco, os professores têm sido vistos de maneira diferente: possuem valores, saberes e pelo entendimento da subjetividade docente (a pessoa do professor) no processo de desenvolvimento. Mas ainda há muito que se fazer. A começar pela atuação do professor como sujeito de sua formação.

Considerando a importância dos professores como sujeitos, o autor também discute a necessidade da formação permanente desenvolver as atitudes e emoções do professor, resgatando seu argumento de que uma das dimensões que a formação de professores precisa atender-se é para a dinâmica pessoal. As reformas educativas, as mudanças na educação e uma série de elementos relacionados ao trabalho docente, como a intensificação, têm afetado a motivação e a

autoestima docente. Como os limites entre a profissão docente e a vida pessoal do professor são quase invisíveis, reafirma-se ainda mais a necessidade de formação de atitudes cognitivas, afetivas e de conduta para auxiliar no desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes.

Com o foco direcionado aos atuais contextos econômicos, sociais e familiares, Imbérnon destaca que a formação permanente deve criar comunidades formativas, a partir do entendimento da importância das comunidades para o atendimento de objetivos diversos. Segundo o autor, vários conceitos de comunidade se apresentam na educação e na formação de professores. Nesse sentido, discute a comunidade de prática, a comunidade formativa e as comunidades de aprendizagem. Na formação de professores que considera a comunidade, parte-se do pressuposto de que todos têm conhecimento e que este deve ser partilhado, promovendo ao mesmo enriquecimento profissional e melhoria da escola.

Toda mudança educativa envolve um processo complexo. O contexto atual tem tornado a profissão docente e o ensinar cada dia mais complexo. Na verdade “a profissão docente sempre foi complexa por ser um

fenômeno social” (p.91). No décimo capítulo, o autor afirma que “a formação permanente do professorado deve ser introduzida no desenvolvimento do pensamento da complexidade”. Ancora-se em Morin (1996; 1999) no que se refere aos princípios da complexidade, destacando alguns dos princípios que possibilitam refletir e tirar conclusões sobre a formação de professores. Destaca ainda, a importância da formação para que o professor potencialize sua compreensão e interpretação sobre a complexidade que envolve o trabalho docente.

Ao final da obra, o autor interroga-se a respeito do papel dos formadores de formadores na formação permanente do professorado, um debate urgente e necessário que não podemos nos furtar nesse momento em que os processos de formação permanente têm sido destacados como fundamentais para o desenvolvimento das reformas educativas.

A partir das críticas feitas à atuação dos formadores no modelo da racionalidade técnica, o autor aponta que algumas mudanças vêm ocorrendo. O formador passa a ser visto como um prático colaborador responsável por promover e auxiliar a reflexão dos professores sobre suas práticas e criar espaços de formação.

“É o abandono do conceito obsoleto que a formação é a atualização científica, didática e psicopedagógica do professorado pela presença de que a formação deve ajudar a descobrir a teoria, ordená-la, fundamentá-la, revê-la e construí-la” (p.107). Nesse sentido, ocorrem também mudanças nas modalidades e estratégias formativas que avançam do formato dos cursos e seminários para processos de pesquisa-ação; elaboração de diários; divulgação de boas práticas etc. Entretanto, tais mudanças precisam estar acompanhadas de mudanças nas políticas de formação, favorecendo

uma estrutura organizativa flexível, descentralizada e próxima às instituições de ensino.

A necessidade atual de se pensar a formação de professores e, especificamente, a formação permanente do professorado, faz desse livro uma contribuição grandiosa ao debate educacional, além de nos convidar a uma outra maneira de pensar a formação de professores. Cabe dizer que “Formação permanente do professorado: novas tendências” é um trabalho que alia competência e rigor, constituindo-se em leitura que vale a pena ser feita!